

Nugas anatomicas - Notas sobre as arterias temporaes

pelo

Prof. FRÓES DA FONSECA

Cathedratico de anatomia — medico-cirurgica e operações

Consoante a orientação do nosso precedente artigo, não cabe aqui completo estudo d'estas arterias. Procuraremos tão sômente explanar certos pontos sobre os quaes ha divergencias entre os autores que geralmente se consultam.

Tres são os pontos principaes que visaremos: 1.º a topographia das arterias temporaes e a sua nomenclatura. 2.º as relações da arteria temporal média com a fascia aponeurotica temporal. 3.º a relação vascular do sulco temporo-parietal externo que mais accentuado se desenha sobre a escama do osso temporal.

* * *

Como preambulo a este breve estudo, summariemos a vascularisação arterial da região temporal.

A sua irroração sanguinea de duas fontes se origina e são estas as arterias temporal superficial e maxillar interna, ramos ambos terminaes da carotida externa.

Separam-se ao nivel do cóllo do condylo mandibular.

Continua a primeira o rumo ascendente da carotida externa e a segunda, perlongando por dentro o cóllo se orienta para deante.

A temporal superficial se interpõe entre o condylo e o meato auditivo externo, transpõe a raiz posterior do zygoma e bifurca-se sobre a fascia aponeurotica temporal em o *ramo frontal, anterior*, e em o *parietal posterior*.

Destes dois ramos, que pelo couro cabeludo se distribuem, não nos occuparemos aqui. Mais nos interessam dois dos ramos collateraes da temporal superficial: — a *arteria zygomatico orbital* e a *arteria temporal média*. A *zygomatico orbital*, ausente por vezes, nasce, em geral do tronco da temporal superficial, e com menor frequencia de um dos seus ramos terminaes. Mais raro ainda é o nascer de um tronco commum com a temporal média.

Observamol-o uma vez com a disposição da fig. 2.

Serpejando para deante, insinúa-se no desdobramento da aponeurose temporal e a sua ramificação se estende ao musculo orbicular do olho e partes proximas, invadindo mesmo a orbita, mercê dos forames do osso malar. Ramusculos seus se mosculam com arteriolas lacrymaes e palpebraes da ophtalmica.

A sua ausencia sóe coincidir com a di-

visão em baixa altura da temporal superficial. Neste caso, substitue-se pelo ramo frontal que conserva o seu trajecto superficial.

Quando a bifurcação é alta, encontra-se a zygomatico-orbital e tanto mais volumosa quanto mais alta a bifurcação. Excepções todavia se notam. Assim no caso da fig. 3, (indivíduo negro, 19 annos) nota-se, a par da divisão alta da temporal superficial, a ausencia da zygomatico-orbital.

A *temporal média*, constante no seu trajecto e origem, nasce da temporal superficial, na altura ou pouco abaixo da raiz posterior do zygoma. Insinua-se sob a margem inferior da aponeurose temporal e do musculo crotaphito.

Divide-se immediatamente em dois ramos. O posterior orienta-se para traz, margêa a crista supra mastoidéa, arquea-se para cima e continua o seu trajecto perlongando as inserções do musculo temporal.

O anterior sobe verticalmente applicado ao osso e imprimindo-lhe um nitido sulco. Attingido o limite da região temporal, divide-se em dois ramusculos, dos quaes um se volta para traz e se anastomosa com o ramo posterior; o outro se inclina para deante e se anastomosa com um ramusculo da temporal profunda posterior.

Esta arcada vascular circuitando a fossa temporal é constante. Observamol-a grande numero de vezes.

A arteria maxillar interna envia á fossa temporal dois ramos ascendentes que são as arterias temporaes profundas anterior e posterior que penetram o musculo temporal pela sua face profunda e nelle se distribuem.

* * *

Assim pois, na região temporal, tres arterias ha de percurso sub-aponeurotico. Uma, a temporal média, nasce da superficial; as outras duas, as profundas, da maxillar interna.

A maioria dos autores, como Velpeau, Sappey, Beaunis e Bouchard, Morel e Duval,

Poirier, Gegenbauer, Merkel, Reinke, Langers, Rauber, Gray e Senior, designam a arteria sub aponeurotica fornecida pela temporal superficial como *arteria temporal média*. Dão ás duas fornecidas pela maxillar interna os nomes de *temporaes profundas anterior e posterior*.

Já outros como Fort, Piqué, Soulié, Rouvieré conservando os mesmos nomes para as duas da maxillar interna accrescentam á *temporal média* a designação de profunda.

Outros em fim, a exemplo de Testut (Coring, Valenti), chamam as temporaes profundas da maxillar interna respectivamente *anterior e média* e reservam o nome de *temporal profunda posterior* á temporal média da maioria dos autores.

E' facil ver a confusão que d'ahi provém, pois em face da menção de uma arteria temporal profunda posterior (por exemplo) ninguem sabe se trata de ramo posterior da maxillar interna (nomenclatura mais geral) ou do que provém da temporal superficial (nomenclatura Testut).

Si lançarmos os olhos para o eschema topographico baseado nas nossas disseccções (fig. 1) daremos á primeira vista razão a Testut. Pois das tres arterias sub aponeuroticas innegavel é que se seriam de deante para traz, o ramo anterior da maxillar interna, o ramo posterior da mesma e finalmente, o da temporal superficial.

Assim pois si irmarmos as tres sob o qualificativo de profundas só poderemos dar correctamente as designações de anterior, média e posterior, de accordo com Testut.

Torna-se porém perfeitamente accetavel a nomenclatura mais geral, si levarmos em conta que o adjectivo média aqui não diz entre anterior e posterior e sim entre superficial e profunda,

O que é porém de todo condemnavel é dar á *temporal média*, ramo da superficial, a designação de profunda média, pois si a incluímos em serie de arterias profundas anatomicamente caber-lhe-á a designação de posterior e não de média.

A topographia d'estas arterias é geralmente silenciada. Diz Soulié apenas que a temporal superficial é a mais posterior das quatro, o que em regra é inexacto. A temporal média, obliquando para traz, occupa um plano que lhe é nitidamente posterior. Veja-se a fig. 3.

* * *

Geralmente se lê que a arteria temporal média perfura a aponeurose e o musculo temporal para attingir o plano osseo.

Não é isto todavia, anatomicamente exacto.

De sciencia nossa, Eisler é o unico que bem descreve essa passagem. Segundo Eisler, cuja descripção grande numero de vezes verificamos, a saliencia formada pela raiz posterior da apophyse zygomatica se atenua para traz e, empós, se releva na crista supra mastoidea. A margem inferior da aponeurose ao passar da crista supra-mastoidea para a raiz zygomatica posterior deixa ao nivel da zona deprimida uma fenda. osteo-fibrosa, de consequinte.

Por esta fenda, os vasos entram a fossa temporal e se insinuam sob a borda do musculo, que é pois contornado, e não perfurado.

* * *

Sabido é que a fascia aponeurotica temporal para baixo se desdobra em laminas que se vão fixar na arcada zygomatica. Entre estas folhas muitos como Reinke, Rauber, Corning, Hildebrand, Pétréquin, limitam-se a mencionar a existencia de tecido adiposo.

Langer se refere a um plexo venoso. Velpeau tambem o registra. Sappey, Tillaux, Bardeen e outros assignalam a passagem da arteria temporal media.

Cruveilhier menciona a presença de ramos orbitarios da temporal media e do nervo temporo-malar. Gray, o ramo orbitario da temporal superficial.

Eisler fala em um ramo da veia temporal média, ramusculos da arteria temporal média, e ramos do nervo zygomatico temporal.

Rudinger, Soulié, Picqué ahi descrevem a arteria zygomatica orbitaria e a veia correspondente.

Em virtude do que ficou dito, a arteria temporal média, constante como a descrevemos, não pôde passar no desdobramento da fascia aponeurotica do temporal.

Os que assignalam a sua passagem ahi, fazem-no por confusão entre as arterias temporal média e zygomatico orbitaria. Certo que esta pôde provir d'aquelle facto que uma vez observamos em uma vintena de disseccções. (Neste caso, o seu trajecto se faria, não entre as folhas e sim por fóra da superficial).

E, fosse embora tal disposição a mais frequente ainda assim não se nos affigura justo considerar continuação da arteria temporal média o ramo zygomatico orbitario, irregular e variavel em vez do ramo ascendente que descrevemos, relativamente fixo e constante.

O que a observação nos tem demonstrado é que no espaço de desdobramento ás vezes se não encontra arteria alguma, outras um ramusculo zygomatico orbitario nascendo da temporal superficial.

Observam-se ainda os filetes nervosos mencionados acima.

O que porém é de importancia pratica maior, o que se pôde encontrar sempre, é um tronco venoso de volume notavel, por vezes dissociado em plexo. Origina-se por duas ou tres venulas que se encontram ao nivel da margem lateral do orbicular. Para o espaço interfascial que o aloja, convergem veias que vêm do musculo temporal e no trouco venoso desaguardam.

Posteriormente se une á veia temporal superficial.

Importante pelo seu volume, é o tambem pelas suas communicações adiante, com a veia ophtalmica, veias palpebraes e infra-orbitariaes, com as veias temporaes profundas e com o plexo pterygoideo.

E' descripta por vezes com o nome de veia temporal média.

O seu trajecto constante, e relativamente indêpendente do percurso dos vasos ar-

teriaes, fazem-na merecer o nome de *veia temporal inter fascial*.

Na figura 3 foram guardadas as proporções entre o volume da veia e o das arterias.

Sobre a face exterior da escama do temporal se desenha e quasi sempre com nitidez um sulco vascular vertical que nasce em correspondencia com o meato auditivo externo. Bifurca-se para cima a maneira de Y em altura variavel. Vae-se apagando para a borda da escama. Com frequencia porém se estende além e invade o osso parietal. E' o sulco temporo-parietal externo bem descripto e estudado por Ledouble em cuja bem conhecida obra se registram as suas principaes variações.

Nada teriamos a accrescentar si na obra capital de Ledouble se não infiltrasse um equivoco que autores mais modernos tem reproduzido. Diz este illustre sabio que o sulco «serve para alojar a arteria tempo-

ral profunda posterior, ramo da maxilar interna.»

Ora, facil é verificar que o sulco corresponde perfeitamente ao trajecto da arteria temporal média (da temporal superficial). Verificamol-o muitas vezes.

Aliás, esta relação vascular é resgistrada pela môr parte dos auctores, designando-o mesmo alguns como Reinke e Rauber com o nome de *sulcus arteriae temporalis media*.

As arterias temporaes profundas, da maxilar interna, tambem occasionalmente desenhann sulcos. Destes o correspondente á profunda posterior se nota proximo á borda anterior da escama temporal. O correspondente á profunda anterior se desenhna sobre a grande aza do esphenoide.

Temos assim concluido estas considerações, satisfeito o seu principal objecto, isto é despertar a attenção sobre as pequenas duvidas de ordem anatomica.

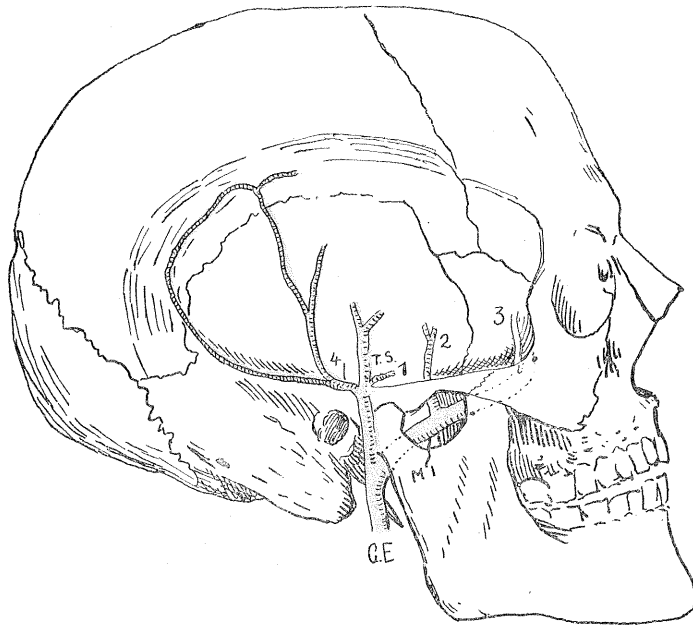


Fig. I
 C.E. a. carotida externa T.S. a. temporal superficial
 M.I. a. maxillar interna. 1. a. zygomatico-orbital.
 2. a. temp. prof. posterior
 3. a. temp. prof. anterior
 4. a. temporal media.

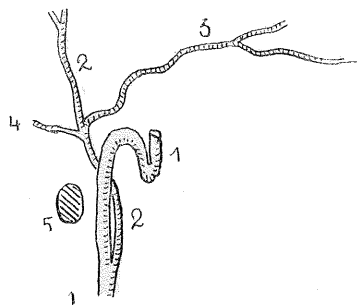


Fig. II
 1. a. temporal superficial
 2. a. temporal media
 3. a. zygomatico-orbital
 4. ramo post. da temporal media
 5. meato auditivo externo

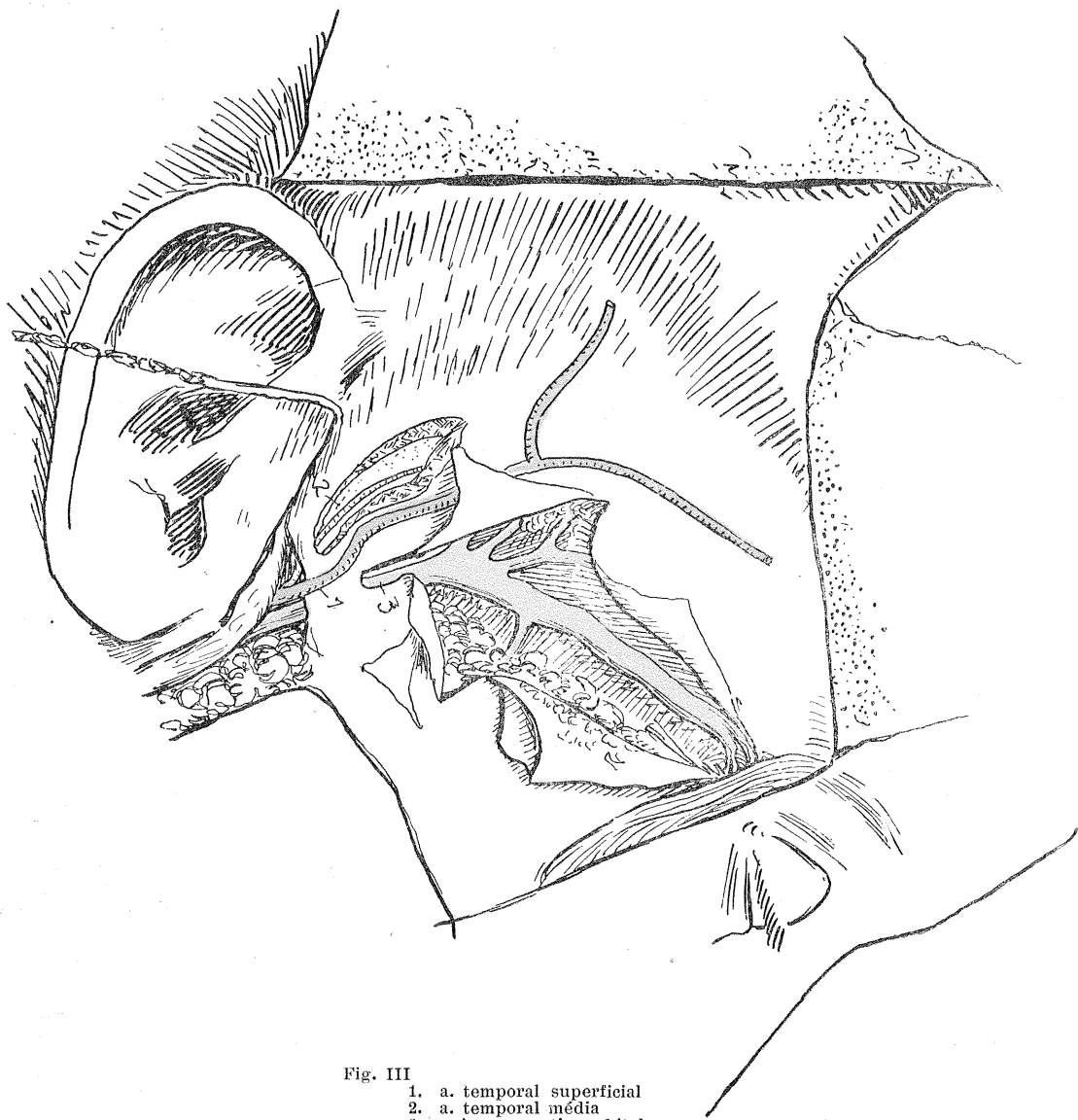


Fig. III

1. a. temporal superficial
2. a. temporal média
3. veia zygomatico-orbital.